

**“O RIBEIRINHO”, DE ELIZABETH BISHOP: UM RELATO DE VIAGEM
SEM VIAGEM**

**“THE RIVERMAN”, BY ELIZABETH BISHOP: A TRAVEL NARRATIVE
WITHOUT TRAVELLING**

Laissy Tayna Da Silva Barbosa¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo esboçar considerações sobre a literatura de viagem e sobre as crenças amazônicas descritas no poema “*The Riverman*”, escrito por Elizabeth Bishop, uma mulher-poeta-viajante norte-americana que morou no Brasil por quinze anos. Tendo em vista a imagem de poeta-viajante de Bishop, a análise considera os sucessores do peregrino de Zygmunt Bauman (2011), em “Vidas despedaçadas, estratégias partidas”: o andarilho, o turista, o jogador e o errante para descrever a poeta. Considerando o papel ativo da poeta para escrever “O ribeirinho”, quatro dimensões de análises criadas pelo teórico Otmar Ette (2008) serão revisadas: o imaginário e ficção, o espaço literário, noções específicas do gênero e, espaço cultural. Percebeu-se que os elementos fulcrais na construção do poema de Bishop são os mitos do Boto e da Boiúna, com os quais ela teve contato, especificamente, a partir do livro *Uma comunidade amazônica: Estudo do homem nos trópicos*, de Charles Wagley (1957). Nessa perspectiva, o poema “O ribeirinho” pode ser entendido como um relato de viagem sem viagem.
Palavras-chaves: Relato de viagem; Poesia; O ribeirinho; Elizabeth Bishop; Amazônia.

Abstract: This work aims to outline considerations about travel literature and Amazonian popular beliefs in a poem written by Elizabeth Bishop, called “The Riverman”. Bishop was an American woman – poet – traveler who lived in Brazil for fifteen years. In view of the image of Bishop as a traveling poet, this analysis considers the successors of the pilgrim, by Zygmunt Bauman (2011), in “Life in Fragments. Essays in Postmodern Morality” to describe this poet. Moreover, considering Bishop’s active role as a poet to write “The Riverman”, four analytical dimensions created by Otmar Ette (2008) are reviewed: imaginary and fiction, literary space, gender-specific notions and cultural space. It was noticed that the myths of the “Boto” and of the “Boiúna” are two key elements in the construction of Bishop’s poem, which she knew from Charles Wagley’s book, *Amazon Town: A Study of Man in the Tropics* (1957). In this perspective, “The Riverman” may be read as a travel narrative without travel.

Keywords: Travel literature; Poetry; The Riverman; Elizabeth Bishop; Amazon.

Submetido em 3 de abril de 2020.

Aprovado em 11 de setembro de 2020.

¹ Mestra em Teoria, crítica e comparatismo na UFRGS com ênfase em estudos sobre gênero, graduada no curso de Letras com Licenciatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus de Marabá. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. E-mail: yssial2016@gmail.com.

Introdução

A poeta norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1976), escreveu em uma carta publicada no livro *Esforços de afeto e outras histórias*: “Vivi e agi toda minha vida como aquele maçarico, sempre correndo pelas bordas de países diferentes, procurando algo” (BISHOP, 1996, p. 20). Nesse pequeno verso, a poeta sintetiza, metaforicamente, a temática de quase toda sua obra. Ela compara a si mesma com a imagem do maçarico, uma ave migratória que percorre os hemisférios sul e norte, com poucas paradas e que se orienta pelas estrelas e pela lua. Nessa perspectiva, ressalta-se que a escrita de Bishop é norteadada pelas viagens que ela fez e desperta uma mescla de percepções sobre sua solidão, de como ela se sentia uma estranha no mundo: sem família, sem um lugar fixo e com apenas alguns poucos amigos. Estes sentimentos de não-pertencimento impulsionaram sua *poiesis* e sua errância pelo mundo, que resultaram na busca por uma “cura geográfica” (ALMEIDA, 2011).

Assim, procurando por paz interior, a poeta se tornou uma viajante incansável entre continentes, países e cidades. Bishop viveu em Paris (1937), México (1943), Flórida (1938-1947), Haiti (1949) e aportou em solo brasileiro em 1951. A intenção da poeta era ficar um curto período de tempo no país, mas por causa de sua relação com Lota², ela permaneceu por quinze anos (BRITTO, 2012). De acordo com Queiroz (2016) a poeta nutria uma relação dúbia com o Brasil, pois foi um lugar onde ela se considerou feliz, mas demonstra em alguns poemas uma visão geocêntrica em relação ao país, pois deixa transparecer em algumas cartas que enviou a amigos nos Estados Unidos uma indiferença em relação ao povo e ao idioma falado no Brasil. Sua boa perspectiva do país estava vinculada ao seu amor por Lota e pelas paisagens naturais, mas “Bishop jamais deixou de sentir-se uma exilada” (BRITTO, 2012, p. 38).

Mulher-poeta-viajante (não necessariamente nessa ordem), Bishop (d)escrevia como um modo de constituir-se. Suas publicações são o resultado das viagens interiores e pelo mundo, de tal modo que possuem referências geográficas desde o nome do livro. As coletâneas de poesias, a saber: *Norte e Sul* (1945), que descreve como ser/estar no mundo e mover-se nele; *Uma primavera fria* (1955), marcado pela reflexão, criatividade e observação; *Questões de viagem* (1965), onde revela suas experiências no Brasil e em outros espaços; e *Geografia* (1976) uma pequena coleção de poemas

² Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, arquiteta-paisagista e urbanista brasileira.

autobiográficos. Com esse livro, Bishop recebeu o Prêmio Internacional Neustadt de Literatura, a primeira mulher a recebê-lo.

Sandra Goulart Almeida faz uso do termo “topografia imaginária” para analisar a estética “espacial e subjetiva” (ALMEIDA, 2011, p. 187) na escrita da poeta. A autora salienta que o espaço é uma categoria relevante na *poiésis* de Bishop e categoriza tal composição como uma “escrita topográfica”, na que se refere à expansão da noção do espaço geográfico para o espaço confessional, interacional, afetivo e emocional da poeta.

Considerando que a *poiésis* de Bishop é resultado de sua constante mobilidade, o intuito deste trabalho é analisar o poema “*The Riverman*” escrito por Elizabeth Bishop, publicado na coletânea *Questões de viagem* (1965), fazendo uma leitura do poema a partir da literatura de viagem e das crenças amazônicas. Para tanto, discuto os sucessores do peregrino, segundo Zygmunt Bauman (2011), na tentativa de inferir com qual desses sucessores Elizabeth Bishop pode ser mais identificada, para assim realizar a leitura do poema a partir da ampliação das dimensões do relato de viagem de Claude Lévi-Strauss, desenvolvido por Otmar Ette (2008).

Literatura de viagem: no que consiste viajar?

Doreen Massey afirma que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito” (MASSEY, 2008, p. 176). Portanto, o escritor-viajante necessita estar aberto a perceber a constituição do espaço no qual ele se encontra, considerando o aspecto geográfico, o social, os minerais, a flora, a fauna, as crenças, os costumes e o arranjo organizacional dos sujeitos para produzir o relato de viagem. Assim,

[o] fascínio da narrativa de viagem repousa fundamentalmente nos onipresentes movimentos de entendimento na literatura de viagens, concebidos como movimentos de entendimento no espaço, que concretizam espacialmente a dinâmica entre o conhecimento e a ação humanos, entre o desconhecido e o pré-conhecido, entre os lugares do ler, da escrita e do que está relacionado, ou, para colocá-lo de uma maneira mais plástica: transferi-lo para um modelo espacial dinâmico facilmente compreensível para o leitor. (ETTE, 2008, p. 25-26. Trad. Livre)³.

³*La fascinación del relato de viajes descansa de manera fundamental en los movimientos de entendimiento onnipresentes en la literatura de viajes, concebidos como movimientos del comprender en el espacio, que concretiza espacialmente la dinámica entre el saber y el actuar humanos, entre lo no-sabido y lo pre-sabido, entre los lugares del ler, del escribir y de lo relatado, o, para decirlo de manera más plástica: transferirla a un modelo espacial dinámico fácilmente comprensible para el lector.*

Ottmar Ette (2008) aponta que tal relato é uma forma de escritura literária e científica em que a escrita tem consciência da referencialidade e dinamicidade do espaço descrito. O gênero relato de viagem provém de uma mescla entre realidade e ficção. Acrescento, ainda, memória. Os conhecimentos prévios de outros espaços influenciam o relato, pois o viajante relatará o espaço novo a partir da comparação com o outro - sendo um maior ou menor, com mais espaços naturais ou não, e assim sucessivamente. Tendo em vista que o relato é feito por viajantes, Bauman (2011), em *Vidas despedaçadas, estratégias partidas*, sugere a figura do peregrino como o mais antigo modelo de sujeito que fazia grandes viagens e que se preocupava com a construção de identidade. Entretanto, ele afirma que o peregrino era uma alegoria da vida moderna e que a pós-modernidade é marcada por quatro sucessores da figura do peregrino: o andarilho, o turista, o jogador e o errante⁴. Segundo o autor,

Por mais diferentes que sejam entre si, os quatro entrelaçados e interpenetrados modos de vida pós-moderna têm em comum o fato de que visam emendar o processo de vida numa série de episódios (idealmente) autossuficientes e autoencerrados, sem passado e sem consequências, e, como resultado, tendem a tornar as relações humanas fragmentárias e descontínuas (BAUMAN, 2011, p. 129).

Tais concepções não passaram a existir apenas agora, mas elas adquiriram novos sentidos, considerando que o viajante pós-moderno é instável e não cabe em uma qualificação fixa, mas uma *identidade desencaixada*. Assim, considerando a *poiésis* de Bishop, infere-se que ela transpõe essa imagem de identidade desencaixada, em especial, a errante, pois esse sujeito “não tem destino definido. Você não sabe para onde se moverá em seguida, porque ele próprio nem sabe nem liga muito para isso. [...] A errância, não tem itinerário prévio – sua trajetória é integrada pouco a pouco, um pedaço de cada vez” (BAUMAN, 2011, p. 129). Portanto, a partir da errância de Bishop pelo mundo, suas obras são categorizadas como literatura de viagem, ora interior, ora geográfica.

Ette (2008), por sua vez, pontua que o relato de viagem possui referência à espacialidade, passagens e necessidade de movimento. Por meio de tal gênero é possível compreender o espaço habitado (ou não), o espaço conhecido e desconhecido, de modo que possa ser traduzido e, assim, facilmente entendido pelo leitor. A Amazônia

⁴ A tradução do texto no português está “O vagabundo”, mas o tradutor fez uma nota sugerindo o termo “errante”. Portanto, considerando a vida da poeta Elizabeth Bishop, preferi usar neste trabalho o termo errante.

brasileira, por exemplo, é uma enigmática imensidão verde cortada por rios, onde muitos viajantes adentraram buscando desvendar seus segredos e traduzi-los para a linguagem escrita a fim de torná-la menos misteriosa.

De acordo com Ette (2008), o antropólogo Claude Lévi-Strauss foi um desses viajantes que explorou a Amazônia brasileira, devido a uma missão universitária francesa (1935-1939), durante a qual ele empreendeu uma análise etnológica de cada região do Brasil relatada na obra *Tristes trópicos* (1996). Nesse livro, o antropólogo francês apontou cinco dimensões sobre os relatos de viagem: as duas primeiras se referem ao registro e à cartografia das regiões visitadas, a terceira trata da tarefa de investigar os relatos do século XVIII e XIX, a quarta traz à baila o tempo e, por fim, a dimensão social. Compreende-se que no poema “*The Riverman*”, de Bishop, a dimensão social está muito presente, pois apresenta diversos sujeitos que ocupam as mais variadas funções na comunidade de Itá⁵. Entretanto, segundo o teórico Ette (2008, p. 32-33) a dimensão social precisa ser complementada e, assim, ele apresenta mais quatro dimensões, a saber: a sexta dimensão é sobre a imaginação e a ficção, a sétima descreve o espaço literário, a oitava versa sobre as noções específicas de gênero, e a nona trata do espaço cultural. Nessa perspectiva, o poema “*The Riverman*” será analisado a partir das dimensões formuladas por Otmar Ette, no intuito de delinear um retrato da Amazônia a partir do olhar e da “escrita topográfica” da poeta-viajante Elizabeth Bishop.

Imaginação e ficção

O antropólogo americano e viajante Charles Wagley (1913-1991) se embrenhou na imensidão verde amazônica e, como resultado de sua jornada, ele escreveu em 1953 o livro *Amazon Town: A study of human life in the tropics*, traduzido para o português como *Uma comunidade amazônica: um estudo do homem nos trópicos* (1957). Elizabeth Bishop, por sua vez, durante sua estadia no Brasil, leu esse livro e deixa evidente no prefácio do poema “*The Riverman*” que ele é baseado no relato científico de Wagley:

Um homem numa aldeia remota da Amazônia decide transformar-se num “sacaca”, um bruxo que se envolve com os espíritos dos rios. Considera-se que o boto é possuidor de poderes sobrenaturais; Luandinha é um espírito do rio associado à lua; e o pirarucu é um peixe que chega a pesar até quatrocentos libras. Estes, entre outras

⁵ Região nordeste do Pará, no município de Gurupá.

detalhes nos quais se baseia o poema, foram inspirados pelo livro *Amazon Town*, de Charles Wagley (BISHOP, 1990, p. 133)^{6,7}.

O livro *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos* (1957) trata do “estudo de uma região e do modo de vida de seu povo. A região é a Amazônia brasileira, onde a fusão das culturas indígena-americana e portuguesa formou, no decorrer dos últimos três séculos, um modo de vida distintamente tropical” (WAGLEY, 1957, p. 17-18). Wagley desenvolveu temas relacionados ao meio de vida dos ribeirinhos na comunidade de Itá, assuntos e crenças passadas oralmente de geração a geração, mas demonstra um discurso de alteridade com o espaço amazônico: “É, também, o histórico de uma área ‘retrógrada’ e sub-desenvolvida” (WAGLEY, 1957, p.18).

Bishop que tinha desenvolvido interesse pela natureza e, desde que chegou ao Brasil, desejava conhecer a Amazônia. Nesse intuito, a poeta-viajante teve acesso ao livro de Wagley e, a partir da leitura, Bishop criou o poema “*The Riverman*”. Levando em consideração a leitura de Bishop e a concepção de Ette acerca da dimensão de imaginação e ficção⁸, é possível considerar “*The Riverman*” como o produto da conversão do relato de viagens de Wagley em forma poética. Bishop deixa evidente sua leitura por meio da epígrafe (citada acima) e elenca os termos “sacaca”, “Luandinha” e “pirarucu”, desenvolvendo tal como um glossário, tendo em vista que são termos regionais amazônico e que, provavelmente, não seriam entendidos por um leitor que não tivesse algum conhecimento prévio desse espaço geográfico e cultural.

O espaço literário

A sétima dimensão que Ottmar Ette (2008) propõe se refere ao espaço literário, ou seja, a intertextualidade entre obras. De acordo com Sandra Nitrini (2015), entende-se a intertextualidade como um campo de interesse da Literatura Comparada, que investiga a tessitura textual, a existência de um ou múltiplos textos em uma obra. Nessa perspectiva, a obra analisada corrobora o conceito de intertextualidade na literatura de

⁶ *A man in a remote Amazonian village decides to become a sacaca, a witch doctor who works with water spirits. The river dolphin is believed to have supernatural powers; Luandinha ias river spirit associate with the moon; and the pirarucú is a fish weighing up to four hundred pounds. These and other details on which this poem is based are from Amazon Town, by Charles Wagley.*

⁷ Ressalta-se que todas as traduções do poema “*The Riverman*” neste artigo foram feitas por Horácio Costa na edição bilíngue da coletânea de poemas de Elizabeth Bishop chamada *Poemas* (1990).

⁸ Segundo o Otmar Ette (2008) os modelos ficcionais e literários tornam os relatos de viagem interessantes e são elementos atrativos para o leitor contemporâneo.

viagem, visto que para Ette, “[...] é possível distinguir entre um espaço literário implícito e um espaço literário explícito, visto que outros textos são intercalados no próprio texto por meio de referências diretas ou alusões indiretas, nem sempre percebidas imediatamente pelos leitores”. (ETTE, 2008, p. 33. Trad. Livre)⁹.

Bishop indica no prefácio de *“The Riverman”* que seu poema tem elementos do relato de viagem escrito por Wagley (1957). Nesse sentido, compreende-se o poema como o olhar da poeta-viajante traduzindo a contemplação da Amazônia pelo antropólogo-viajante, que, por sua vez, traduziu a paisagem, os mitos e o modo de vida ribeirinho em seu livro. Portanto, é possível fazer uma análise intertextual do poema de Bishop com o relato de Wagley (1957):

Acordei no meio da noite
 Porque o boto me chamou.
 Rosnou à minha janela,
 Oculto na bruma do rio,
 Mas eu o vi – um homem como eu.
 Me descobri suando em bicas;
 Tirei até a camisa.
 Levantei da minha rede,
 Saí nu pela janela.
 A minha mulher roncava.
 Seguindo os passos do boto,
 Fui andando até o rio (BISHOP, 1990, p. 132)¹⁰.

O poema de Bishop, em forma de monólogo narrativo, descreve o espaço amazônico na primeira pessoa do singular e faz os leitores terem a percepção do local, cheiros, sensações, à medida que narra o chamado do Boto no meio da noite. Wagley (1957, p. 324) pontua que “o boto tem grandes associações com o sexo na mentalidade dos habitantes de Itá e de outras comunidades amazônicas” (WAGLEY, 1957, p.324). De acordo com o antropólogo, quando um Boto deseja uma mulher ou homem, eles são incapazes de resistir ao chamado do Boto e relata o caso da irmã de um sujeito da comunidade que foi seduzida. Segundo o relato, a família vivia nesse tempo em um barracão próximo ao rio, e

[...] durante várias noites toda a família ouviu um estranho assobio, como se alguém estivesse chamando e uma noite sua irmã [do ribeirinho] começou a entoar uma

⁹ [...] se puede distinguir entre un espacio literario implícito y un espacio literario explícito, em tanto se intercalan otros texto sen el texto próprio mediante referencias directas o alusiones indirectas no siempre percebidas imediatamente por todos los lectores.

¹⁰ I got up in the night/ for the Dolphin spoke to me./ He grunted beneath my window;/ hid by the river mist./ but I glimpsed him – a man like myself./ I threw off my blanket, sweating;/ I even tore off my shirt./ I got out of my hammock/ and went through the window naked./ My wife slept and snored./ Hearing the Dolphin ahead./ I went down to the river.

canção esquisita e ininteligível. Correram todos para o quarto da moça e a encontraram nua lutando depois violentamente com eles quando a impediram de se atirar na água (WAGLEY, 1957, p. 326).

Pereira (2010) afirma que os mitos têm um papel fundamental na organização do espaço amazônico e do modo de vida ribeirinho, pois a narrativa oral exerce a finalidade de formar a consciência coletiva passada de geração em geração. Em resumo, a lenda do boto amazônico sugere que, em noites de lua cheia, ele sai à procura de uma mulher para seduzir e levar à beira do rio e, assim, engravidá-la. Acredita-se que é um homem bonito e que nunca retira o chapéu da cabeça pois, ajuda a disfarçar seu grande nariz. Vale acrescentar que popularmente, acredita-se no Pará que as crianças nascidas sem pai eram filhos do Boto. Bishop explora no poema o chamado do Boto para o rio em noites de lua cheia, de modo que evidencia o lado sexual da lenda.

No poema de Bishop, o ribeirinho ouve o chamado do Boto e vai ao seu encontro à beira do rio. Ao adentrar o rio, ele vê uma cobra grande:

Então uma cobra bonita
faceira, de cetim branco
Olhões dourados e verdes
Como os faróis de uma gaiola
-Ela mesma, a Luandinha –
Entrou e me deu bom dia. Falou comigo umas coisas
Nalguma língua estrangeira; Mas quando aspirou fumaça
Nos meus ouvidos, na hora
Entendi, feito um cachorro, mesmo sem saber falar.
Me mostraram as salas todas, me levaram até Belém
E voltamos num minuto.
Nem sei direito aonde fui, mas fui longe, e por den'd'água (BISHOP, 1990, p. 134)¹¹.

Bishop, por meio do relato do antropólogo, assimila outra lenda amazônica: a lenda da cobra grande. De acordo com Wagley, os ribeirinhos acreditavam que a cobra grande fosse da família da jiboia, com grande extensão, possuidora de poderes sobrenaturais e que habitava as profundezas dos rios (WAGLEY, 1957). Conta-se que uma índia jogou o filho, ainda bebê, no rio e ele se tornou a cobra, conhecida por Boiúna, cobra grande ou Luandinha.

No poema, Bishop narra que o ribeirinho usou a cobra grande para ir e voltar de Belém em um curto período de tempo, o que remete à narrativa de Wagley (1957) ao

¹¹ *Then a tall, beautiful serpent/ in elegant white satin,/ with her big eyes green and gold like the lights on the river steamers—/ yes, Luandinha, none other—/ entered and greeted me./ She complimented me/ in a language I didn't know;/ but when she blew cigar smoke/ into my ears and nostrils/ I understood, like a dog,/ although I can't speak it yet./ They showed me room after room and took me from here to Belém/ and back again in a minute./ In fact, I'm not sure where I went, / but miles, under the river.*

relatar que os sacacas – uma espécie de bruxo – usavam peles de cobras durante suas viagens no rio: “Cada um deles possuía um lugar particular à margem do rio, a que chamavam de seu ‘porto’ e de onde mergulhavam no reino encantado das profundezas do rio Amazonas ou para suas viagens submarinas” (WAGLEY, 1957, p.310). Compreende-se, portanto, o rio como um espaço que reflete uma multiplicidade de percursos/trajetos e possibilita afastar-se de algo exterior, ao mesmo tempo que mergulha no interior, no íntimo, tal como um modo de (auto)conhecimento. Nessa perspectiva, “a imagem do espaço e da viagem em Bishop aponta não apenas para o deslocamento e o trânsito geográfico, mas também para a condição do sujeito/eu lírico como mediador cultural, ainda que carregue consigo alguma ‘bagagem’ da experiência vivida alhures”. (ALMEIDA, 2011, p. 190).

Seguindo o relato (poético) de Bishop, a cobra grande é usada para subir e descer o rio pelo ribeirão, que quer se tornar um sacaca. Para isso,

Preciso de um espelho virgem
Um que ninguém nunca olhou,
Que nunca olhou pra ninguém,
Pra olhar nos olhos dos espíritos
E reconhecer cada um.
Na loja me deram uma caixa
Cheia de espelhos novos,
Mas cada um que eu pegava
Alguém trás de mim se mirava
E pronto, estragava o espelho,
Que agora só servia mesmo
Pra moça ficar se olhando,
vendo os dentes e o sorriso (BISHOP, 1990, p. 136)¹²

Wagley também menciona esse ritual do espelho em seu livro. Segundo ele, um pajé famoso disse-lhe que necessitava

[...] de um espelho virgem – um em que ninguém tenha ainda se mirado – a fim de poder divisar os espíritos companheiros sem correr risco, durante as viagens debaixo d’água. Tentou Sático várias vezes, sem êxito, adquirir um desses espelhos, mas sempre alguém lhe olhava por cima do ombro quando a caixa que os continha era aberta na loja. Ele está seguro de que virá a ser um poderoso pajé (WAGLEY, 1957, p. 316).

É possível inferir que as viagens realizadas pelo ribeirão eram perigosas, pois se poderiam encontrar os espíritos do rio. O espelho proporciona uma experiência

¹² *I need a virgin mirror/ no one’s ever looked at,/ that’s never looked back at anyone,/to flash up the spirit’s eyes/ and help me to recognize them./ The storekeeper offered me/ a box of little mirrors, but each time I picked one up/ a neighbor looked over my shoulder/ and then that one was spoiled—/ spoiled, that is, for anything/ but the girls to look at their mouths in,/ to examine their teeth and smiles.*

mesclada aos sujeitos que se posicionam diante dele, pois é possível ver o Eu em um lugar no qual não está presencialmente, e a imagem refletida do outro, possibilitando camuflar-se, esconder-se. Portanto, compreende-se o espelho como um espaço misto e serviria para o aprendiz de sacaca despistar tais espíritos, função evidenciada em ambos relatos.

Outro trecho do poema de Bishop que faz relação com o relato de Wagley é a alusão a Joaquim Sacaca, considerado um grande curandeiro entre os ribeirinhos. Ela sugere, ainda, assim como Wagley, que é possível encontrar tudo o que se necessita para sobrevivência na natureza: comida, moradia e cura para os diversos tipos de enfermidades.

O rio rasga a floresta;
 Das plantas e pedras do mundo
 Ele retira os remédios
 Saídos do fundo da terra
 Que curam todos os males, toda doença que existe –
 É só saber procurar (BISHOP, 1990, p. 138)¹³

Nessa perspectiva, os trechos destacados são demonstrativos de referência do poema “*The Riverman*” ao relato de viagem escrito por Wagley. O capítulo do livro de Wagley (1957), *Da magia à ciência*, relata as crenças dos povos ribeirinhos na comunidade de Itá, e, assim, ele sugere que muitos sujeitos dizem não acreditar nos mitos, porém não os desafiam. É possível dizer que Bishop explora a jornada de um ribeirinho que escuta um chamado e, assim, deseja tornar-se um pajé, alguém que possui conhecimento de medicina natural e poderes sobrenaturais. A poeta-viajante, por meio de sua “escrita topográfica”, finaliza a jornada do ribeirinho dizendo que ele, enfim, alcança seu desejo, segue viajando pelas veias compridas dos rios em busca de elixires e trabalha para que as pessoas da comunidade tenham saúde e renda, pois, o chamado do Boto e da Luandinha faz referência à crença que um pajé é escolhido por um espírito sobrenatural, e ele precisa procurar um pajé mais antigo para se especializar ou encontrar um modo para se desvencilhar.

¹³ *It drains the jungles; it draws/ from the trees and plants and rocks/ from half around the world,/ it draws/ from the very heart/ of the earth the remedy/ for each of the diseases —/ one just has to know how/ to find it.*

Noções específicas de gênero

A oitava dimensão proposta por Ottmar Ette (1996) questiona a tradição literária e científica da obra, ou seja, busca analisar o modo pelo qual o gênero relato se integrou ou possibilitou outros textos, tendo em vista que o gênero relato de viagens é tanto científico quanto literário (ETTE, 2008). Nessa perspectiva, assim como foi explanado nas dimensões anteriores, apesar de Bishop ter sido (e a inda ser) elogiada pela sua “capacidade de observar e descrever a textura do mundo, lugares e animais” (BRITTO, 2012, p. 16), *The Riverman* foi criado a partir da leitura sensível que a poeta realizou sobre a Amazônia, em especial o capítulo “Da magia à ciência”, do livro *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*, de Charles Wagley.

Moraes (2010) afirma que além de Wagley, a poeta Elizabeth Bishop leu o livro *Tristes trópicos* (1996) do antropólogo Claude Lévi-Strauss. No poema também aparece uma versão da lenda do Boto e da Cobra Grande (tal como foi mencionado no tópico anterior), histórias orais passadas de geração em geração na Amazônia. O poema é um exemplo que faz transparecer o papel ativo de uma leitora atenta, a qual Bishop era. Desse modo, é possível afirmar que o poema pode ser entendido como literatura de viagem sem viagem, uma herança de uma prática comum no século XIX em que escritores ficcionistas liam relatos de viagem para escreverem suas histórias. Portanto, de fato, o poema se destaca pela imaginação e ficção da poeta, de modo que abrange um público literário e, possivelmente, pode embrenhar-se no científico. Ette, nessa dimensão, reflete sobre o papel ativo que um leitor deve assumir, pois um sujeito ao entrar em contato com um texto pode produzir sua releitura em outro gênero textual.

É possível destacar também que Bishop fez parte da “primeira geração de poetas de língua inglesa para quem as conquistas do modernismo já representavam um fato incontestável” (BRITTO, 2012, p. 15). Ela é considerada herdeira desse movimento artístico, porém se diferencia da alta geração do modernismo, pois “aprendeu a dominar um amplo repertório de formas – desde o soneto ao o poema em prosa, passando pela vilanela, a sextina e o verso livre [...]” (BRITTO, 2012, p. 25). O poema narrativo “*The Riverman*”, por exemplo, apresenta elementos regionais, e apesar de ser relatado um chamado sobrenatural, os moradores da comunidade de Itá e/ou outras regiões da Amazônia veem isso como algo cotidiano. Um processo de formação de um sacaca, ou seja, um pajé.

O espaço cultural

Otmar Ette (2008) pontua que a dimensão categorizada como espaço cultural atravessa, de algum modo, todos os outros espaços e dimensões anteriores, assim como está presente em qualquer texto. Contudo, o espaço adquire

[...] especialmente na literatura de viagens, uma extraordinária concisão e transcendência, com vista à questão de como os fenômenos literários, estéticos, políticos, sociais e filosóficos se misturam e se entrelaçam dos outros aspectos culturais. (ETTE, 2008, p. 33. Trad. Livre)¹⁴.

A partir dessa mescla no espaço cultural, evidencia-se que “*The Riverman*” é um poema que retrata a jornada de um ribeirinho para se tornar um pajé, seja pelas margens ou por dentro das águas do rio, assim como narra a lenda da cobra grande e do Boto, elementos folclóricos que vivem nas águas dos rios amazônicos. Os rios, local que o poema narrativo se contextualiza, segundo Pereira (2010), formam uma entidade plena de mitos, são espaços-linguagem-tempo, são referências identitárias do caboclo. Nessa perspectiva, Pereira sugere que o rio assume a significação de lugar simbólico, de luta pela sobre(-)vivência¹⁵, de proliferação dos mitos, de contemplação, e eroticidade, por exemplo. Ele sugere ainda, que os mitos contados de geração em geração fazem parte da relação com a floresta, com a ordem social e política dos ribeirinhos.

Almeida (2011) sugere que o imaginário que molda o espaço produz efeitos que podem influenciar nas histórias dos sujeitos que o habitam, pois ele é aberto e tendencioso à interpretações, assim como rupturas. Nessa perspectiva, quando Bishop explora o chamado do Boto ao ribeirinho e descreve o espaço que ele habita – o rio, o brilho da lua -, é possível inferir que é um espaço de travessia e metamorfose de sujeito-ribeirinho para o sujeito- pajé.

Wagley aponta que é perceptível na comunidade de Itá a influência indígena, negra e europeia, entretanto a crença nos mitos, pajés e seus espíritos convivem simultaneamente, pois

[...] os pajés não percebem tão bem a diferença entre o catolicismo e a feitiçaria. Ao efetuarem suas curas usam livremente orações católicas e pseudo-católicas; persignam-se e às vezes incluem um santo entre seus espíritos “companheiros” (WAGLEY, 1957, p. 316).

¹⁴ [...] em especial em la literatura de viajes, una extraordinária concisión y transcendencia com miras a la pregunta acerca de la manera como se entremezclan e intercalan literária, estética, política, social y filosoficamente los fenómenos de lo outro cultural.

¹⁵ Referência ao termo usado por Omar Ette para enfatizar 1) sobre vivência e 2) sobrevivência.

Infere-se, assim, que a comunidade a qual o antropólogo se refere apresenta traços de hibridismo cultural. Nessa perspectiva, Ette (2008) sugere que há ainda outros espaços que ele não menciona em seu texto, contudo, priorizou-se nessa dimensão evidenciar o rio como um espaço mesclado e rico. O antropólogo conta que na comunidade de Itá, por exemplo, as lendas do Boto e da cobra grande eram narradas pelos ribeirinhos, que viviam à margem direita do rio Amazonas, e, logo abaixo, o rio Xingu (região nordeste do Pará). Ressalto que tais lendas ainda fazem parte da memória coletiva dos paraenses, pois é possível ouvir as mesmas histórias de como o Boto aparece para conquistar as meninas e que a cobra grande, chamada de Boiúna, habitava os rios Tocantins e/ ou Araguaia (região sudeste do Pará). Nesse sentido, é possível inferir que tais lendas viajaram no tempo e geograficamente dentro da região amazônica, com poucas alterações, permanecendo no imaginário social.

Considerações finais

O movimento de deslocar-se implica estar aberto a conhecer outras pessoas, lugares, sabores e registrar as experiências vividas/ sentidas. No século XX, os receios anteriores ao período das grandes navegações – medo de cobras gigantes, sereias e monstros marinhos – haviam sido superados e as travessias entre cidades, países e continentes eram mais eficazes, de modo que proporcionou a Elizabeth Bishop, por exemplo, tornar-se uma viajante incansável e uma poeta com olhar analítico do espaço durante seu constante deslocamento.

Esse sujeito-viajante em constante deslocamento é para Bauman (2011) o peregrino. Porém, na pós-modernidade ele apontou sucessores da figura desse sujeito peregrino: o andarilho, o turista, o jogador e o errante. Em uma reflexão analítica entre a vida de Elizabeth Bishop e as concepções dos sucessores da figura do peregrino de Bauman (2011), infere-se que a poeta-viajante tinha uma *vida-como-passeio* [andarilha], o mundo como domesticável e *faça-você-mesmo* [turista] e o *mundo-como-jogo* [jogadora], partes de uma *identidade desencaixada*. Entretanto, é a partir da imagem de errante, que a associa primordialmente, pois tal como Paulo Henriques Britto (2012) afirma sobre a sensação de orfandade da poeta-viajante, “não ter um lugar que possa chamar de seu, levará Bishop a empreender uma série de viagens” (BRITTO, 2012, p. 13). Portanto, a *poiésis* de Bishop tinha como suporte as travessias, o sentimento de partida e chegada, as trocas culturais entre os diferentes espaços que ela cruzou.

Entretanto, o deslocamento não precisa ser físico na criação literária. Elizabeth Bishop, criou o poema “*The Riverman*”, a partir de uma viagem sem viagem, pois é uma leitura poética do livro de Charles Wagley sobre a comunidade de Itá – município de Gurupá, no nordeste do Pará – acerca das relações sociais nessa região. Nota-se o papel ativo de Bishop como leitora, pois ela traduz poeticamente as crenças que leu. É preciso ressaltar que o poema “*The Riverman*” apresenta uma estrutura de literatura de viagem – há na narrativa o início da jornada do ribeirinho, a jornada em si e o desfecho, que não é o retorno para casa, mas o início de um novo sujeito, um pajé que viaja através da floresta, dos rios e por meio dos mitos amazônicos. Os elementos fulcrais na construção do poema de Bishop são estes mitos com os quais ela teve contato a partir do livro de Wagley, de modo que o relato de viagens poético apresenta elementos de discussão dentro das dimensões de Ottmar Ette: o imaginário e ficção, o espaço literário, noções específicas do gênero e espaço cultural; tais dimensões foram adicionadas pelo teórico às dimensões propostas anteriormente por Levi-Strauss.

Ressalta-se, ainda, que não é porque Wagley conviveu na comunidade de Itá que sua tese deve ser aceita como verdade absoluta sobre a Amazônia, ou mesmo a própria comunidade onde ele estava. Embarcando nessa lógica, apesar da leitura sensível e ativa de Bishop do livro de Wagley, algumas informações culturais são passíveis de discussão no poema, pois apresenta elementos que não são particulares da Amazônia – crocodilos, por exemplo. Destaca-se, assim, o olhar estrangeiro e pioneiro de Wagley aos mitos e crenças do ribeirinho e a riqueza cultural singular em tais crenças, pois chama atenção do outro. Bishop, por exemplo, se ancora nesse olhar para construir o poema narrativo “*The Riverman*”, uma viagem sem deslocamento e que promove a ideia da literatura e criação literária em movimento.

Referências

- ALMEIDA, S. G. As topografias imaginárias de Elizabeth Bishop. IN: ARRUDA, A. A.; NEVES, A. C. B.; DUARTE, C. L.; et al. (Orgs.). *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- BAUMAN, Z. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BISHOP, E. *Esforços de afeto e outras histórias*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BISHOP, E. *Poemas*. Trad. Horácio Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BRITTO, P. H. Elizabeth Bishop, os rigores do afeto. In: BISHOP, E. *Poemas escolhidos de Elizabeth Bishop*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COSTA, H. Atualidade de Elizabeth Bishop. In: BISHOP, E. *Poemas*. Tradução Horácio Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LEVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos* São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, S. M. B. *Tradução e transculturação: a Amazônia de Elizabeth Bishop*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0710562_10_Indice.html>. Acesso em: jul. 2017.

ETTE, O. *Literatura em movimento*. Tradução Rosa Maria S. de Maihold. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008. (p. 23-67)

_____, O. *SaberSobreVive: A (o)missão da filologia*. Tradução Rosani Umbach e Norma C. Demamann Müller. Curitiba: Editora UFPR, 2015. (p. 177-195; 233-258).

NITRINI, S. *Literatura Comparada*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PEREIRA, E. A. D. Do literário ao identitário: espaço e tempo nas representações da Amazônia Ribeirinha. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Para Além da Identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

QUEIROZ, A. Elizabeth Bishop, a “brasileira” que não entendeu o Brasil. In: *Jornal Opção*, ed. 2126, abril, 2016. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/elisabeth-bishop-a-brasileira-que-nao-entendeu-o-brasil-62604>>. Acesso em 04 de agosto, 2020.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Tradução Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.